

Percepções da lepra na Antiguidade

(resumo alargado da intervenção de **Nuno Simões Rodrigues, historiador classicista** na conferência que o NHMOM organizou no dia 23 de Fevereiro de 2013, em colaboração com o Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

No romance *Ben-Hur*, escrito por Lewis Wallace em 1880, o herói, vítima do Fado que o transforma de príncipe judeu num escravo das galés e de escravo num rico herdeiro romano, acaba por descobrir a mãe e a irmã, que julgava há muito mortas, num vale que funcionava como *ghetto* para vítimas de doenças infecciosas; designadamente aquela que vulgarmente se conhece por ‘lepra’; na verdade, à boa maneira oitocentista, o que Wallace faz é recuperar um dos temas presentes nos textos antigos para neles integrar duas personagens ficcionais, precisamente Miriam e Tirzah – a mãe e irmã de Ben-Hur – o que lhe permitirá utilizá-las como figuras de composição que facilmente se integram no que as fontes históricas nos transmitem; Refiro-me, naturalmente, aos passos dos evangelhos que relatam que Jesus de Nazaré, outras das personagens do romance de Wallace, curou vários pacientes de diversas patologias, entre elas a chamada ‘lepra’; Com efeito, as mulheres da casa de Hur serão, no romance, duas das convertidas ao cristianismo, precisamente porque o suposto Messias tê-las-ia curado do mal que as afligia; por outro lado, no contexto dos milagres curandeiros de Jesus, é evidente que o que

encontramos nos textos antigos são referências a realidades sociais, às quais podemos aplicar a designação técnica de *realia*, do tempo dos seus autores, que naturalmente as trazem à colação de modo a que façam um sentido e ressonância nos seus leitores/auditores; daí que Jesus cure cegos, paralíticos, loucos e leprosos, mas não tenhamos alusões a eventuais de curas de HIV, por exemplo; Isto também, porque as doenças têm História (para usar o célebre título de Le Goff), mas tanto ou mais do que as patologias em si mesmas, as representações e percepções das mesmas também uma vivência temporal;

Se as primeiras devem ser foco da atenção particular dos médicos/investigadores em medicina, as segundas interessam particularmente aos historiadores; Seja como for, estamos no domínio da paleopatologia; Na verdade, ao utilizar este tópico no seu romance, L. Wallace não só está a dinamizar um motivo que figura com particular importância nos relatos da vida de Jesus de Nazaré (citações nos evangelhos de Mateus, Lucas e Marcos: Mt 8.2-4; 10.8; 26.6-13; Lc 5.12-16; 17.11-19; Mr 1.40-45; 14.3-9; Jo 12.1-8), como a recuperar um dos temas que, no domínio da paleopatologia, mais aparece referido nos textos bíblicos;

Mas a que se referem afinal estes textos e que informações podemos colher deles? Tentaremos fazer uma abordagem que implique uma análise da

patologia em si mesma, tal como referida nas fontes, da sua geografia e da sua sociologia histórica.

A PATOLOGIA «LEPRA»

O método que mais tem sido utilizado para estudar esta questão é o de definir primeiro o que hoje é identificado como «lepra» ou «doença de Hansen» e depois comparar esta patologia com as descrições que encontramos nos documentos antigos;

Além de que, é importante referi-lo, o termo «lepra» é uma palavra grega derivada do verbo *lepo* que significa «pelar» ou «escamar», e de *lepros* (áspero ou escamoso); foi essa a palavra que os tradutores dos LXX, no século III a. C., usaram para traduzir o hebraico *tsara' th*, utilizado nos vários textos bíblicos que a ela se referem;

Aparentemente, os primeiros testemunhos que possuímos acerca desta doença são relativamente tardios;

No Egipto faraónico (terra tida já na Antiguidade como o foco da epidemia), apesar da quantidade de informação médica que nos legou e que, ao que parece, sustinha um prestígio inigualável no Mediterrâneo coevo, não deixou qualquer testemunho cientificamente fidedigno que possa ser associado com a lepra;

O conhecido Papiro Ebers (sec. XVI a. C.) tem sido citado como contendo uma eventual alusão à lepra, mas o facto é que a maioria dos especialistas considera que os sintomas descritos não coincidem com um diagnóstico de lepra/doença de Hansen;

Lá referem-se inchaços e tumefacções na pele e nos membros, alterações na pigmentação dérmica, mas estas referências não parecem ser suficientes aos investigadores para que sejam consideradas lepra; alguns sugerem tratar-se de «gangrena gasosa»;

Por outro lado, um jarro que tem sido associado à representação de uma *facies leontina* deverá ser uma representação de um anão ou do deus anão, Bes e não a figura de um leproso;

Quanto à Mesopotâmia, tem-se sugerido que a doença seria ali conhecida já no II milénio a. C.;

Mas a verdade é que esta afirmação deriva sobretudo das palavras escolhidas pelos Assiriólogos para traduzirem os documentos e não dos factos em si mesmos;

Termos acádicos como *epqu*, *saharshubbu*, *ishrubu* e *garabu* têm sido traduzidos como «lepra»; mas tudo o que sabemos da realidade semântica que corresponde a estes signos, que se referem a manchas brancas e nódulos «que cobrem todo o corpo», ou «algo escamoso» ou ainda «coberto de pó», e que todos os que dela são vítimas passam a ser expulsos das cidades, ostracizados e forçados a viver como «burros selvagens»;

Alguns assiriólogos identificaram estes sintomas com formas de «lepra tuberculóide (- aguda) e lepromatosa (+ aguda)»;

Mas diz a nosologia que estes sintomas podem ser associado a várias patologias e não necessariamente à lepra que, além do mais, em estados iniciais se pode confundir também com outras doenças;

O mesmo é dizer que, na Antiguidade Pré-Clássica, outras doenças dérmicas poderiam ser incluídas na categoria «lepra» e que por conseguinte a lepra antiga seria algo mais abrangente do que o que hoje reconhecemos como «doença de Hansen»;

Com efeito, até aos anos 70, era comumente aceite que a palavra hebraica *tsara'th*, que aparece sobretudo no livro do *Levítico* (secs. X-VII a. C.), se referia a lepra;

Mas a filologia revelou-se bem mais crítica;

Os sintomas associados a *tsara'th* são: «manchas brancas», «inchaços esbranquiçados», também referidos como «brancos como a neve»;

Em Lv 13-14 lemos a descrição mais substancial deste assunto, um autêntico tratado de diagnóstico, pouco terapêutico mas com preocupações profiláticas:

- «na pele do seu corpo um tumor, uma doença de pele ou uma mancha, podendo degenerar numa afecção leprosa sobre a pele»;
- (13.2)

- «se o pêlo que ali se encontra se tornou branco e se a chaga se apresenta mais funda do que a pele do corpo, é uma chaga de lepra.»;
(13.3)
- «se tiver na pele um tumor branco, se esse tumor tiver embranquecido o pêlo e se aparecer no meio do tumor um pouco de carne viva, é uma lepra inveterada na pele do corpo» (13.10-11)

Como rapidamente percebemos pela leitura do texto levítico, as várias patologias descritas podem corresponder a diversas dermatoses (da psoríase à dermatite seborreica, passando pelo eczema) e os elementos de profilaxia e de diagnóstico são aqui totalmente empíricos;

Mas como notaram também já vários especialistas, é evidente que existe um esforço de observação e de análise bem mais avançados do que aqueles que detectamos, por exemplo, nos rituais babilónicos e assírios;

De qualquer forma, os sintomas descritos podem coincidir com fases iniciais de lepra mas não são necessariamente lepra, pelo que aquilo que os antigos Hebreus designavam por *tsara'th* e que os Gregos traduziram por *lepra* parece abranger um campo semântico lato no domínio das dermatoses, que iam inclusive além das manifestações no corpo humano – também nos objectos (fungos, etc.) (os anglo-saxões distinguem «leprosy» de «lepra», *leprosia*);

Além disso, há nestes textos uma preocupação clara com a purificação, e as noções de puro e de impuro fazem parte do campo semântico do religioso;

Enquanto doença com sintomatologia dérmica, essencialmente provocada pelas condições de higiene em ambiente rural e agrícola, a bíblicamente designada lepra é particularmente visível, incómoda/dolorosa e em muitos casos degenerativa dos tecidos (em particular das mucosas e membros e extremidades), o que a levou a ser associada a formas de impureza e de castigo, particularmente divino;

Assim, umas das formas de Javé demonstrar o seu poder é fazer com que a mão de Moisés fique por momentos «leprosa», para ser curada logo de seguida (Ex 4.6-7); quando Miriam, no deserto, fala contra o próprio irmão, é atacada de «lepra branca como a neve», como «alguém que sai já morto do ventre da sua mãe e com a carne meio consumida» (Nm 12.1, 2, 9-15); o orgulho de Naaman quase o impede de ser curado da lepra que o atingia (2Rs 5.1); a ganância de Guiezi faz com que seja atingido pela lepra (2Rs 5.20-27); a presunção do rei Uzias leva a que seja punido divinamente com lepra (o que mostra que os reis também eram afectados pela doença fosse qual ela fosse, 2Cr 26);

A lepra parece ser assim uma forma privilegiada de Javé manifestar o seu poder e ira – pois é um castigo particularmente visível ao Outro, logo pedagógico;

Já em contexto de Novo Testamento, parece funcionar como mote para a demonstração da misericórdia divina;

Por outro lado, o pavor do carácter contagioso da doença justificava a reacção sociológica à mesma, naturalmente – a segregação dos leprosos;

Essa mesma situação terá contribuído para que as vítimas das variadas «lepras» tenham recorrido à solução da vivência em comum, apoiando-se mutuamente: em 2Rs 7.3-5, lemos sobre os leprosos que andavam em grupo na cidade de Samaria, e.g.; em Lc 17.12, lemos sobre 10 leprosos que em grupo se dirigem a Jesus; conhecemos cemitérios no Egipto (sec. II a. C.), com vários leprosos europeus junto de população autóctone (congregação por um lado e segregação por outro);

É precisamente essa também a realidade transposta por L. Wallace para o seu romance;

Já em ambiente grego, também os textos que pertencem ao chamado *corpus Hippocraticum* se referem a uma patologia que identificam como *lepra*, mas cujos sintomas estão longe de equivalerem ao que conhecemos como «doença de Hansen»;

A maioria das opiniões considera que o que nos textos hipocráticos se refere como lepra (descamação epidémica) parece mais ser psoríase ou uma qualquer infecção fúngica; o que aliás também se coaduna com as descrições que lemos no Levítico;

Hipócrates refere também uma outra doença, «Doença Fenícia» (*Prorrhético* 2), que nos textos de Galeno (sec. II d. C.) é identificada com a lepra;

Galeno considera-a uma das doenças particularmente mortais; mas a lepra é lenta, progressiva e essencialmente crónica, pelo que esta assunção galénica não tem aceite por parte de filólogos e médicos, que mostram reservas em identificá-la com a doença de Hansen;

Heródoto refere-se à lepra, mas para afirmar que, entre os Persas, quando contraída, os seus pacientes ficavam interditos de permanecer nas cidades (parece traduzir a ideia de que a aglomeração de gente favorece a disseminação da doença) e em contacto com outros Persas, e que no caso de ser um estrangeiro seria mesmo expulso do país (1.138);

Segundo Heródoto, para os Persas, a lepra seria consequência de uma ofensa ao Sol (uma vez mais o mal divino/ideia de castigo) – ideia religiosa;

Heródoto, porém, apenas se refere à patologia pelo nome, sem a descrever; mas distingue-a da «peste branca», doença igualmente referida por Aristóteles, que a descreve como sendo «um mal em que todos os pêlos embranquecem»¹, e que parece também não gerar consensos no que diz respeito à sua identificação como lepra ou «mal de Hansen»; talvez se trate de leucoderma;

Já em contexto helenístico, Plutarco refere também a lepra (Mor. 353f; 670f); num dos textos, estabelece-se uma relação, que se tornará proverbial,

¹ Aristóteles, História dos Animais 518a13; Geração dos Animais 784a26.

entre a lepra e o porco, considerando-se que a doença seria transmitida por *aquela animal ao Homem (Mor. 670f)*;

Diz Plutarco: «esses indivíduos [os Egípcios] parecem detestar carne de porco, uma vez que os bárbaros, acima de tudo, abominam as manchas brancas e a lepra e acreditam que é pelo contágio que os seres humanos são consumidos por tais doenças; e nós bem vemos como todo e qualquer porco está coberto de uma espécie de lepra e erupções sarnentas na zona da barriga, males que, quando se produz no corpo qualquer espécie de indisposição ou mal-estar, julgam ter-se pegado aos seus próprios corpos.» (Mor. 670f);

Esta seria, aliás, segundo os Gregos e os Romanos, a razão pela qual os Judeus se absteriam de consumir carne de porco e pela qual o mesmo povo teria sido expulso do Egipto, pois, nesta tradição, teriam sido eles a origem e o foco de contágio da doença; O Egipto acabou assim por se confirmar entre Gregos e Romanos como a terra da origem da lepra; e.g. Rufo de Éfeso e Lucrecio;

Areteu da Capadócia (sec. I d. C.) terá sido um dos primeiros autores a descrever a lepra com rigor e pormenor (*Corpus Medicorum Graecorum*), eventualmente aquela que conhecemos como doença de Hansen e não apenas as dermatoses várias antes referidas;

Seguiram-se-lhe Celso (sec. I) e Galeno (sec. II);

Mas entre o *corpus Hippocratium* e as descrições de Areteu, Celso e Galeno não há propriamente matéria produzida conhecida sobre esta

matéria, o que levou alguns autores a considerarem que terá sido precisamente entre os séculos IV e II a. C. que a doença de Hansen se terá espalhado pela bacia Mediterrânea e daí para a Europa;

Isto é: com as alterações civilizacionais verificadas com Alexandre;

Importa agora referir que a filologia sobretudo tem demonstrado que a lepra/doença de Hansen seria conhecida na Índia védica (*Sushruta Samhita*) e na China já c. 600 a. C.²;

Os dados que conhecemos nestas fontes apontam para fases mais avançadas das já referidas dermatoses, correspondendo mais com o diagnóstico de «doença de Hansen»;

Por outro lado, análises osteológicas mostram que o esqueleto de alguém que padeceu de facto de doença de Hansen (bem reconhecível em estado avançado³) mais antigo conhecido em âmbito mediterrâneo provém do oásis de Dakhleh no Egipto e data do século II a. C., período ptolemaico, portanto alexandrino⁴ (*facies leprosa*, estado avançado da doença e não mera dermatose);

Isto coincide com a ideia de que o Egipto seria um foco originário mas também que a chegada da doença à Europa é relativamente tardia;

² Browne 641; Trautman 691; Mark..... Ctésias, Pérsica 41; Herodiano 1.1.38.

³ Mark 298.

⁴ Manchester 168.

Tem-se sugerido por isso que a doença tenha vindo para a Europa no período helenístico, na sequência de contactos dos Europeus com as regiões orientais, designadamente a Índia;

Alguns sugeriram que tivesse viajado com as tropas de Alexandre, no regresso das campanhas de Alexandre;

Mas outros apontam argumentos que devem ser considerados:

1º os exércitos são compostos por indivíduos que estatisticamente são menos vulneráveis à transmissão do bacilo da doença: homens entre os 20 e os 40 anos;

2º o modo de viajar dos exércitos, apesar de não ideal, não seria o menos mau em termos de higiene;

Por outro lado, há que considerar que, a partir do período alexandrino, os contactos comerciais com o oriente intensificaram-se, aumentando a importação de escravos, com particular incidência em crianças e mulheres jovens; estes viajavam sobretudo por barco, por vários dias e semanas, sendo condições de higiene (ou falta dela) mais favoráveis à transmissão da doença de Hansen;

Vindos da Índia para o Egipto, pelo golfo arábico e Mar Vermelho, e daí para o Mediterrâneo em geral, é o mais provável;

O tempo de incubação (6 meses a 10 anos) e de aparecimento dos primeiros sintomas (3 a 5 anos) poderá justificar a notícia tardia da doença entre os

médicos antigos; aliás, terá demorado 2 séculos a passar do Egipto para a Grécia⁵;

Além de que a prevalência da tuberculose nas populações mediterrâneas também tornou difícil a propagação, pois a tuberculose parece causar a imunidade à lepra;

Justificar-se-á assim que seja nas obras de Areteu, e depois Celso e Galeno, autores dos secs. I e II, que encontremos as descrições mais próximas do que reconhecemos como «doença de Hansen»;

Aliás, há mesmo quem considere que a doença se deveria chamar precisamente «doença de Areteu» ou «doença de Galeno», visto que o que Hansen fez foi identificar e descrever o bacilo que a causa e não a doença em si⁶;

É também nestes autores, porém, que esta doença começa a ser designada com um nome distinto: a «doença do elefante» (*elephantiasis graecorum*, cf. leontíase e satiríase – rosto), dado o facto de se produzir um endurecimento da pele em algumas partes do corpo⁷;

Sem a descrever, Lucrecio (sec. I a. C.) identifica-a assim no *De rerum natura*: «no Alto Egipto, no Nilo, nasce a temerosa doença do elefante» (6.1112, elefantíase); radica-a no Egipto;

⁵ Mark 305, 307.

⁶ Cochrane 8.

⁷ Lloyd Davies 622.

Celso referirá ainda que, no seu tempo, a doença (elefantíase) era extremamente rara em Itália, mas muito frequente em algumas outras regiões (*De medicina* 1.342-343);

Plínio-o-Velho refere que a elefantíase era originária do Egipto e que veio para Itália no tempo de Pompeio, após o seu regresso e das suas tropas, do Ponto, em 62 a. C. (Pl. HN 7.270-271);

E também Plutarco refere Asclepiades da Bitínia (c. 100 a. C.), médico que teria vivido no tempo em que, na Grécia, teria aparecido a doença chamada «elefantíase»;

Parece assim haver uma coincidência é entre o que se descreve como «elefantíase» e a doença de Hansen, a sua chegada à Europa depois do sec. II a. C. e propagação pela mesma ao longo do século I⁸;

Todavia, esta elefantíase mas não é o que hoje conhecemos como tal; a lepra/Hansen era a *elephantiasis graecorum*; enquanto a elefantíase era a *elephantiasis arabum* (elefantíase filiarial, doença tropical)⁹;

CONCLUSÕES

1º estamos, portanto, tanto perante alguma falta de rigor técnico por parte de quem traduz (por vezes usando abusivamente o termo genérico de lepra – semitas), como perante uma evolução semântica de um termo e de um conceito, que já existia na Antiguidade, mas que posteriormente se vinculou a uma doença mais específica (Hansen);

⁸ Browne 641; Browne (75) 486; Lewis 596.

⁹ Mark 289.

2º há que ter em conta, que os conhecimentos na Antiguidade eram limitados e que facilmente se confundiam sintomas semelhantes, associando-os a uma mesma doença, quando isso pode não ser necessariamente correcto; assim terá acontecido com as dermatoses que ficaram genericamente referidas como «lepra»;

3º chegada da doença de Hansen (*mycobacterium leprae*) à Europa parece ser relativamente tardia (não se conhece antes de sec. VI a. C. em nenhum lado, e dificilmente antes de sec. II a. C. na Europa/Mediterrâneo), período helenístico, originária da Índia/China (de onde provêm os mais antigos testemunhos), via Egipto, e por certo por via marítima (incubação em escravos, mulheres e crianças), que a terão de lá trazido.

4º por alguma razão, o termo elefantíase foi descontinuado e «lepra» foi aplicado tanto às várias dermatoses descritas como ao *mycobacterium leprae*; também a elefantíase parece ser outra coisa.

5º perante estes dados, o mais provável é que até os «leprosos» curados por Jesus sofressem de uma dermatose e não da doença de Hansen¹⁰.

¹⁰ Lloyd Davies 623.